

A TRANSCOMPLEXIDADE COMO VIÉS HERMENÊUTICO DE COMPREENSÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Joel Cezar Bonin 

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, Brasil 

Levi Hulse 

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, Brasil 

Juan Miguel Gonzalez Velasco 

Universidad Mayor de San Andrés, La Paz, Bolívia 

Contextualização: Viver a vida neste mundo contemporâneo pode ser um desafio imenso, haja vista as inúmeras demandas de compreensão que as experiências atuais passaram a provocar na vida de todos os seres humanos. A solidez do passado parece não mais dar conta da realidade do presente. As transformações sociais, culturais e existenciais implicam em novas traduções da realidade.

Objetivo: O artigo visa apresentar a transcomplexidade como uma possibilidade de interpretação do mundo contemporâneo. Assim, esta proposta é utilizada como chave de leitura de um mundo marcado pela transitoriedade, pela impermanência e por muitas incertezas.

Método: A pesquisa vale-se do método indutivo, tendo caráter especulativo-argumentativo de base bibliográfica. Utilizam-se obras consolidadas de autores como Wittgenstein e Schleiermacher, que nos servem de apoio para apresentar o papel da hermenêutica, e Morin, Nicolescu e González, que nos servem de guarida para sustentar o papel da complexidade, da transdisciplinaridade e da transcomplexidade, respectivamente, para a compreensão do mundo de hoje.

Resultados: o artigo sustenta a noção de que a hermenêutica como exercício de interpretação do mundo se dá na medida em que a complexidade e a transdisciplinaridade se unem para traduzir o que o mundo e as coisas são. Isso se aplica de modo mais evidente quando se pensa o universo da educação e todos os seus meandros.

Palavras-chave: Hermenêutica; Complexidade; Transdisciplinaridade; Transcomplexidade; Mundo Contemporâneo.

TRANSCOMPLEXITY AS A HERMENEUTIC BIAS FOR UNDERSTANDING THE CONTEMPORARY WORLD

Contextualization: Living life in this contemporary world can be an immense challenge, given the numerous demands for understanding that current experiences have brought into the lives of all human beings. The solidity of the past no longer seems to account for the reality of the present. Social, cultural, and existential transformations imply new translations of reality.

Objective: The article aims to present transcomplexity as a possibility for interpreting the contemporary world. Thus, this proposal is used as a key to reading a world marked by transience, impermanence, and many uncertainties.

Method: The research employs the inductive method, having a speculative-argumentative nature based on literature review. Consolidated works of authors such as Wittgenstein and Schleiermacher are used to support the role of hermeneutics, and Morin, Nicolescu, and González are referenced to sustain the role of complexity, transdisciplinarity, and transcomplexity, respectively, in understanding the world today.

Results: The article supports the notion that hermeneutics, as an exercise in interpreting the world, occurs as complexity and transdisciplinarity unite to translate what the world and things are. This is more evident when considering the realm of education and all its intricacies.

Keywords: Hermeneutics; Complexity; Transdisciplinarity; Transcomplexity; Contemporary World.

LA TRANSCOMPLEJIDAD COMO UN SESGO HERMENÉUTICO PARA COMPRENDER EL MUNDO CONTEMPORÁNEO

Contextualización: Vivir la vida en este mundo contemporáneo puede ser un desafío inmenso, dadas las numerosas demandas de comprensión que las experiencias actuales han traído a la vida de todos los seres humanos. La solidez del pasado ya no parece dar cuenta de la realidad del presente. Las transformaciones sociales, culturales y existenciales implican nuevas traducciones de la realidad.

Objetivo: El artículo tiene como objetivo presentar la transcomplejidad como una posibilidad de interpretación del mundo contemporáneo. Así, esta propuesta se utiliza como una clave para leer un mundo marcado por la transitoriedad, la impermanencia y muchas incertidumbres.

Método: La investigación emplea el método inductivo, de carácter especulativo-argumentativo basado en revisión bibliográfica. Se utilizan obras consolidadas de autores como Wittgenstein y Schleiermacher para apoyar el papel de la hermenéutica, y Morin, Nicolescu y González se referencian para sustentar el papel de la complejidad, la transdisciplinaria y la transcomplejidad, respectivamente, en la comprensión del mundo actual.

Resultados: El artículo sostiene la noción de que la hermenéutica, como ejercicio de interpretación del mundo, ocurre a medida que la complejidad y la transdisciplinaria se unen para traducir lo que son el mundo y las cosas. Esto es más evidente al considerar el ámbito de la educación y todos sus entresijos.

Palabras clave: Hermenéutica; Complejidad; Transdisciplinaria; Transcomplejidad; Mundo Contemporáneo.

INTRODUÇÃO

Atualmente, qual seria o caminho possível para se falar sobre pensamento transcomplexo ou transcomplexidade sob um enfoque ou paradigma que ultrapasse o senso meramente complexo ou transdisciplinar? É fato que já que vivemos atualmente em um mundo mais religado e mais inteligível, habituado a contínuas crises e a problemas que o pensamento complexo e transdisciplinar nos ajudam a interpretar, mas é preciso considerar que a educação, em nossos dias, precisa passar por um processo de mais perguntas e de menos respostas¹.

Assim, pensar em uma educação transcomplexa, deve logicamente levar em conta primeiramente uma mudança de pensamento e de ação no e para o mundo, propondo uma educação mais integral, com sujeitos mais religados com a realidade, na defesa da ideia de que a educação muda na mesma medida em que o mundo muda. Desse modo, a transcomplexidade na educação, é chamada a ser uma nova proposta científica e acadêmica para nossos atuais sistemas educativos, à universidade e à vida cotidiana.

Viver a vida neste mundo contemporâneo pode ser um desafio imenso, haja vista as inúmeras demandas de compreensão que as experiências atuais passaram a provocar na vida de todos os seres humanos. A solidez do passado parece não mais dar conta da realidade do presente. As transformações sociais, culturais e existenciais implicam em novas traduções da realidade.

Desse modo, é salutar lembrar que vários autores se propõem a compreender qual seria o *ZeitGeist* do nosso tempo e qual seria a melhor chave de leitura para a compreensão deste *ZeitGeist*. Neste propósito, nosso texto se debruça sobre alguns conceitos importantes que podem ser úteis no exercício de interpretação do mundo de hoje. Partindo de autores como Schleiermacher² e Dilthey como autores basilares da hermenêutica filosófica, passando por Edgar Morin³ e a teoria da complexidade, chegando a Nicolescu⁴ e a transdisciplinaridade e, aportando, ao fim, com González⁵, a ênfase do pensamento transcomplexo com uma possível forma de apreensão do mundo atual.

Assim, este novo conceito transcomplexo em educação começa a tomar impulso no século XXI. Outrossim, este conceito não pode ser entendido, de modo paradigmático, se

¹ GONZÁLEZ, Juan. **Religaje Educativo**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo V. 2015.

² SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

³ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

⁴ NICOLESCU, Basarab. **Quést-ce que la réalité?** Montreal: Liber. 2009.

⁵ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

os sujeitos não sabem aplicar a religação dos saberes, isto é, se não houver a conexão dos princípios com seus fins, pois é preciso saber mesclar conteúdos, ideias, conceitos, frases, princípios e enunciados. A religação educativa não pode ser entendida senão for aplicada corretamente, tendo a transdisciplinaridade como base. Todavia, é necessário, então, religar a transdisciplinaridade com a complexidade em qualquer atividade que realizamos a fim de que seus efeitos benéficos sejam realmente atingidos, principalmente no universo da educação.

Vale ainda destacar que um dos pilares fundamentais do pensamento complexo é, sem dúvida, a religação, entendida como uma tessitura comum entre as coisas conforme nos alega Morin. Tal costura, todavia, precisa ir além do tecido e do entretecido⁶ e alcançar o nível da transcomplexidade.

Desse modo, o exercício filosófico e sociológico de análise dos autores nos ajuda na seara de estudos acerca de uma nova contextualização que implica em uma tentativa não totalizadora da realidade, mas ao menos, abarcadora das contradições, das impermanências, das transitoriedades e das volatilidades que são inerentes a essa condição na qual nos colocamos hodiernamente, a saber, a condição pós-moderna.

Assim, este trabalho visa fazer um sobrevoo sobre alguns tópicos que caracterizam primeiramente a ideia de hermenêutica, secundamente pelos conceitos de complexidade, de transdisciplinaridade e de transcomplexidade e, ao fim, apresentar a imbricada relação da transcomplexidade com a situação da pós-modernidade contemporânea, que pontua e evidencia o valor da incerteza e da valorização equânime e constante de todos os saberes que, por muito tempo, eram vistos como colidentes e repelentes entre si.

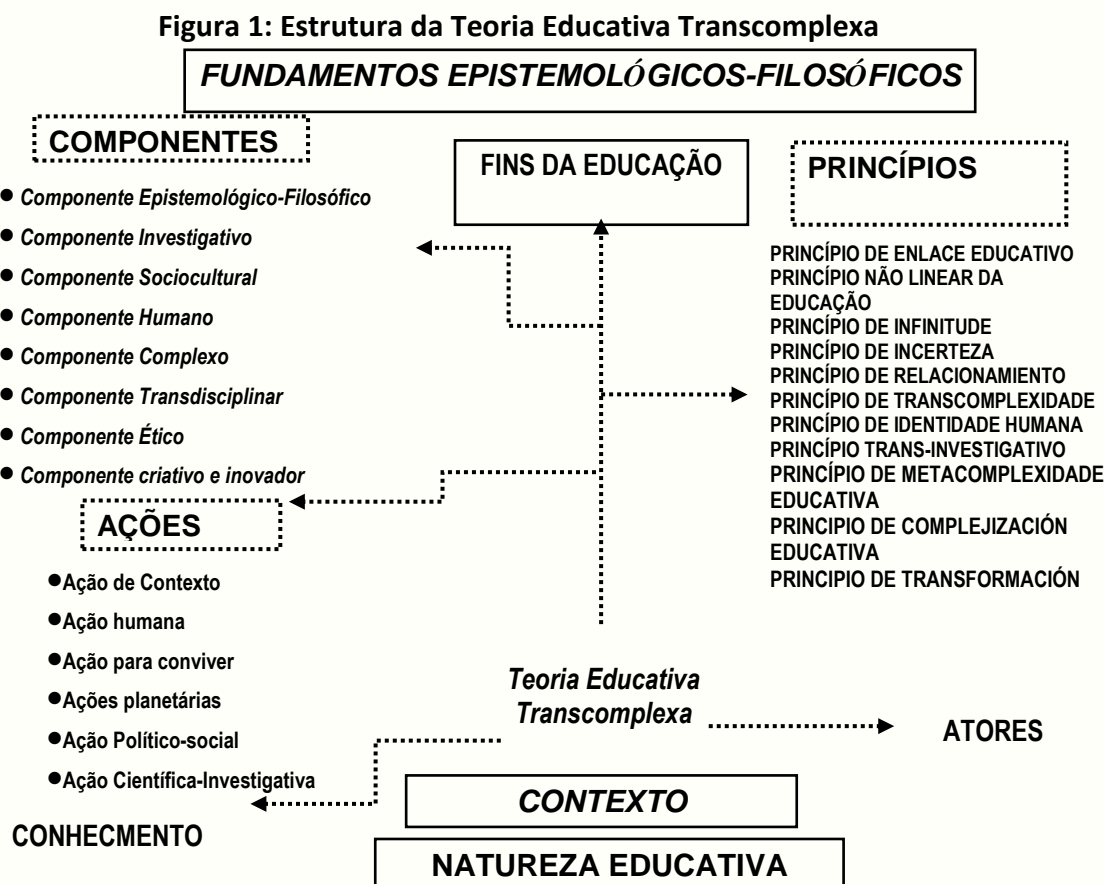
1. EPISTEMOLOGIA TRANSCOMPLEXA: A CONSTRUÇÃO DA TEORIA EDUCATIVA TRANSCOMPLEXA

A teoria educativa aqui proposta está construída com base em uma estrutura metaespiral, tomando em consideração os seguintes delineamentos: a) fundamentos epistemológicos-filosóficos; b) natureza do conhecimento educativo; c) princípios da teoria educativa proposta; d) componentes da educação transcomplexa; e) ações da educação complexa e transdisciplinar; f) natureza dos atores educativos transcomplexos e g) desafios da educação no século XXI.

Dentro do contexto aqui apontado, apresentaremos apenas três pontos importantes (a- fundamentos epistemológicos-filosóficos; b- natureza do conhecimento e f-

⁶ MORIN, Edgar. **La Vía para el Futuro de la Humanidad**. Madrid: Paidós. 2011.

natureza dos atores educativos transcomplexos), sendo que o primeiro ponto (fundamentos epistemológicos-filosóficos) pode ser compreendido por meio do esquema que segue:



Fonte: elaborado pelos autores a partir de González⁷

Cada item aqui apresentado será explicado, em linhas gerais, no quadro 1 mais abaixo.

1.1 A natureza do conhecimento

Da sua parte, a natureza mesma do conhecimento, segundo esta teoria, é complexa e transdisciplinar, pois está dotada de elementos construtivos e reconstrutivos. Os aspectos do processo desta complexização são o principal mote deste trabalho, a saber, como estudar, educar, construir e inovar na educação. Já que a natureza de tudo que há no mundo é incerta, deve-se manter os elementos do devir segundo os contextos, as circunstâncias, os processos investigativos e os desenvolvimentos criativos individuais ou sociais, pois são eles

⁷ GONZÁLEZ, Juan. **Teoría Educativa Transcompleja**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo I. 2012.

que dão suporte à complexidade. Assim, o conhecimento dentro deste processo educativo, é questionado, refletido e se torna o elemento que permite que os sujeitos que aprendem, se apropriem das qualidades complexas.

Assim, o conhecimento é concebido como um sistema, intrassistema e suprassistema, com elementos externos e internos que permitem complexizá-lo e transdiscipliná-lo. Outrossim, o conhecimento não é o elemento final do processo educativo, senão que é um componente a mais do suprassistema, que pode ser incorporado como um princípio, um fim ou parte do processo, que recebe a sigla PDRAC (Processo de Desaprendizagem, Reaprendizagem, Aprendizagem e Complexização).

Nesse diapasão, o conhecimento é aberto, flexível, incerto, cambiante, questionante, questionado, processual, sistêmico, planetário, transformador e transdisciplinar. Está no próprio sujeito e faz parte dos processos complexos que se desenvolvem na *aula mente social*⁸ sob a égide da metacomplexidade, na qual ocorre uma dialogicidade interna e externa que permite a cada um construir-se e desconstruir-se em uma dinâmica individual e social. O quadro a seguir aponta os aspectos principais desta teoria, de modo a evidenciar e especificar quais são os seus elementos mais característicos.

Quadro 1: A emergência da Teoria Educativa Transcomplexa⁹

PRINCÍPIOS	COMPONENTES	AÇÕES
<p>Princípio de enlace educativo</p> <p>Os enlaces educativos são variados e infinitos, e se aplicam a qualquer processo educativo; tem um período de sustentação e variabilidade em função de sua própria execução e permite mostrar a complexização e seu sentido transdisciplinar.</p>	<p>Componente epistemológico-filosófico</p> <p>Tem um fundamento filosófico orientado ao discurso dialético e evolucionista da ciência. É uma filosofia e epistemologia individual e social que nasce do próprio sujeito em torno de um contexto complexo e transdisciplinar.</p>	<p>Ação de contexto</p> <p>Compreender a emergência educativa como uma ação de contexto em referência a uma situação-problema de relevância.</p>
<p>Princípio não linear da educação</p> <p>É necessário incorporar como epistemologia educativa os princípios do</p>	<p>Componente investigativo</p> <p>A base da teoria proposta se radicaliza na emergência educativa, pois ela mesma se concebe como</p>	<p>Ação humana</p> <p>É uma ação construtiva e reconstrutiva do ser humano e para o ser humano, que transcende</p>

⁸ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

⁹ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

<p>paradigma da complexidade. Assim, é possível criar novos princípios para reconstruir a mesma teoria continuamente.</p>	<p>investigativa, a partir da transdisciplinaridade. Este componente religa o conhecimento, a teoria e a prática complexizada. A partir daí, o elemento-base transcendental da teoria se constrói com o PDRAC como um processo emergente, baseado em investigações.</p>	<p>para além de uma atitude ou valor.</p>
<p>Princípio de infinitude A educação deve ser um processo de constante mudança em metaespiral, que se defronta com enlaces educativos e permite aos seres humanos uma autotransformação. A educação, em seu sentido mais complexo e transdisciplinar, é infinita, transcende-se, se constrói e se reconstrói.</p>	<p>Componente sociocultural Este componente se relaciona com a ideia de <i>aula mente social</i>, como elemento articulador para a complexização educativa, primeiramente vista como um processo individual ou social que se desconstrói/reconstrói dentro deste componente. Assim, a cultura se concebe como um camaleão adequado a um contexto que incorpora como fator fundamental a educação em um processo transformador.</p>	<p>Ação para conviver É um transcender para além do conhecimento, da habilidade ou da destreza do próprio ser. É uma ação que permite buscar no ser humano a convivência e a harmonia entre todos. A educação transcomplexa permite justamente a reflexão humana como centro da compreensão do agir humano. Não é uma educação reprodutiva ou materialista, mas uma educação social onde os opostos se harmonizam e os semelhantes se complementam.</p>
<p>Princípio de incerteza É o motor inicial de qualquer processo educativo, é a motivação intrínseca e extrínseca de qualquer ato didático, pois enriquece a <i>aula mente social</i> dos seres humanos e permite que a metacomplexidade funcione e contribua nos processos educacionais (PDRAC). É o elo perdido da educação.</p>	<p>Componente humano Uma educação baseada no ser humano pensante, que complexiza sua educação na vida e para a vida.</p>	<p>Ações planetárias Incorpora o todo na parte e a parte no todo. O contexto, o conviver e o sentido humano da educação devem levar a planetarização.</p>
<p>Princípio de relacionamento</p>	<p>Componente complexo</p>	<p>Ação Político-social</p>

<p>A variabilidade dos processos educativos permite o relacionamento e a visão incerta do conhecimento.</p>	<p>A educação é complexa, a sociedade é complexa e, portanto, é necessário religá-la por meio de uma complexização educativa.</p>	<p>Nasce no ser humano e transcende para o social e, portanto, vai na direção de um sentido político contextual.</p>
<p>Princípio de transcomplexidade</p> <p>A transdisciplinaridade tem como meta final a complexização educativa.</p>	<p>Componente transdisciplinar</p> <p>Coordenação emergente entre os limites da ciência e o que pode estar para além da ciência ou entre a própria ciência.</p>	<p>Ação Científica- Investigativa</p> <p>A ação que se molda através de uma investigação transdisciplinar, não sujeita a receitas ou estereótipos científicos; são as ações que permitem que a educação seja emergente, dinâmica e que permite o aporte contínuo, a reflexão, a desconstrução e a reconstrução a partir da complexidade do que se deseja investigar.</p>
<p>Princípio de identidade humana</p> <p>O princípio de todo processo educativo é justamente a compreensão humana sobre a tecnificação, a cientificação ou o empoderamento da ciência sobre o ser humano.</p>	<p>Componente ético</p> <p>Se propõe que, ao se complexizar, se pode chegar a uma nova visão de ética e, portanto, a uma compreensão e sentido humano.</p>	
<p>Princípio trans- investigativo</p> <p>Permite a aplicação de uma investigação educativa a partir da visão transdisciplinar.</p>		
<p>Princípio de metacomplexidade educativa</p> <p>É o princípio que permite a incorporação dos processos de metacognição a partir da complexidade e para a complexidade.</p>		

<p>Princípio de complexização educativa</p> <p>É o fim último da educação, é justamente a complexização educativa; tanto o conhecimento, como a aprendizagem são processos intermediados que permitem a complexização, pois ela é relativa, reflexiva, investigativa e transdisciplinar. A complexização nos deve permitir a humanização do sujeito e dar o verdadeiro sentido planetário para a educação.</p>		
<p>Princípio de transformação</p> <p>A educação deve justamente contribuir com os processos de transformação social, cultural, ideológica, tecnológica, política, econômica, tanto quanto tudo o que incorpora a educação como parte de sua estrutura. Entre as características deste princípio destacam-se o dinamismo, o devir educativo, a comunicação educativa, a mudança, o relativo, a incerteza, o investigativo, o criativo e o inovador.</p>		

Fonte: elaborado pelos autores

1.2 Natureza dos atores educativos transcomplexos

Segundo González¹⁰, são atores educativos transcomplexos aqueles que estão em condições iguais no processo educativo e que, a partir de su contexto e sua *aula mente social*

¹⁰ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

se diferenciam, se religam, se recursivam, dialogam e se auto-eco-organizam. São sujeitos com grande sentido de liberdade, dotados de valor teórico e prático na vida. São educandos ao infinito, que podem ou não estar presentes no processo formal de educação. São dotados de grande sentido metacomplexo e humanístico-social. Se concebem como seres vivos finitos, materializados como seres, mas psiquicamente infinitos, dotados de incertezas motivacionais e claramente imersos em uma natureza complexa. Entre suas qualidades, destacam-se: a) espírito investigativo; b) grande sentido da vida; c) imersão em contextos e naturezas complexas; d) são educandos transdisciplinares; e) são não-lineares; f) adeptos da ciência clássica questionada; g) são criativos e inovadores; h) grande sentido de adaptabilidade aos sistemas complexos; i) Reflexivos; j) sociais e culturais; k) transformadores de sua realidade; l) questionadores do tempo e do espaço; m) têm grande sentido das incertezas e, por fim, n) são complexizadores de seu entorno.

Das ideias apontadas por González¹¹, depreende-se uma nova forma de compreensão do mundo que perpassa novas formas de linguagem e de apreensão da realidade. Em nosso entendimento, tal inferência só é possível se levarmos em conta os problemas apontados por Wittgenstein¹² e os filósofos da hermenêutica moderna. Tal intento será feito a partir dos próximos tópicos.

1.3 Os limites de compreensão do mundo

Para se compreender bem o que se propõe por meio da teoria transcomplexa é necessário levar em consideração os limites da linguagem e da hermenêutica dentro de um novo contexto interpretativo do mundo como um todo. Para tanto, se faz assaz necessário compreender o que Ludwig Wittgenstein tem para nos dizer a esse respeito. Wittgenstein, grande pensador da filosofia da linguagem, de origem austríaca, afirmou com grande clareza que os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo¹³. Apesar de tal ideia parecer ser muito simples num primeiro momento, ela se torna muito difícil de ser entendida quando mediada por uma análise mais aprofundada.

Na perspectiva de nosso tempo, pode-se inferir que o autor nos propõe uma reflexão muito importante acerca da linguagem, a saber, a de que vivemos numa realidade que é circunscrita pela nossa capacidade de expressar e de dizer o que o mundo e as coisas são, ou seja, o nosso mundo é resultado da nossa habilidade para comunicar aos outros a

¹¹ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

¹² WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo, Edusp: 1993.

¹³ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo, Edusp: 1993.

nossa compreensão acerca da realidade. Em outras palavras, a linguagem se torna, então, o instrumento pelo qual somos capazes de traduzir o mundo, de modo que tudo aquilo que eu não sei dizer resulta em uma inadequação sobre o mundo.

Segundo Guilherme Mautone, isso é:

[...] algo que só acontece em nós diante da dimensão representada pelo outro, uma instância da alteridade: outras pessoas, a linguagem, a cultura, a arte, coisas que a educação coloca em jogo. Mas tudo começa, em certo sentido, com o convite ele mesmo. Que devemos aceitar ainda que ele resulte num confronto com o caos. Aceitando-o, não só teremos a oportunidade de reconhecer como nós somos formados pela linguagem e pela cultura – essa *alteridade* – mas também teremos a oportunidade de reconhecer os limites do que pode ser articulado em palavras [...] ¹⁴ (grifo no original).

Para Wittgenstein¹⁵ (ao menos neste momento de sua vida como pesquisador da linguagem), a vida e o mundo precisam ser traduzidos em palavras, expressões, ideias, conceitos e formulações. Neste caso, mesmo que os principais autores (Schleiermacher e Dilthey) desta linha de pensamento tenham surgido antes do autor austríaco, a hermenêutica ganha um espaço de grande importância dentro da contextualização das pesquisas filosóficas, sociológicas e antropológicas após a publicação do famoso texto *Tractatus logico-philosophicus*.

Efetivamente, as pesquisas sobre hermenêutica não são uma coisa absolutamente nova no contexto das pesquisas acerca da filosofia da linguagem, porém, seu papel é fundamental na tentativa de elucidar a gênese da compreensão textual de obras importantes produzidas no decorrer dos tempos. Nesse sentido, nasce uma grande diferenciação entre a conceituação de exegese e a conceituação de hermenêutica. A linguagem, com esta distinção, amplia a sua capacidade de penetração em outros espaços que não são exclusivamente os da filosofia. Com a linguagem, a filosofia vai ao mundo de um outro modo que não mais aquele restrito aos cânones acadêmicos.

Todavia, é importante enfatizar que o debate acerca da interpretação não é um problema limitado à filosofia, mas é um tema que interessa à todas as ciências humanas, como veremos a seguir.

¹⁴ MAUTONE, Guilherme. O Trabalho sobre si Mesmo: reflexões sobre o legado de Wittgenstein para a filosofia da arte e a educação artística. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 3, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/106079> Acesso em: 5 mar. 2023. n. p.

¹⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo, Edusp: 1993.

2. A HERMENÊUTICA COMO CHAVE DE COMPREENSÃO DA REALIDADE¹⁶

Pensar a hermenêutica atual nos implica em uma oposição clara entre a tradição (Schleiermacher) e os contemporâneos (Gadamer e Ricoeur). Friedrich Schleiermacher, grande hermeneuta alemão que viveu entre os séculos XVIII e XIX, tentou defender a ideia de que a arte da interpretação é um exercício de refazer, pois “deve-se compreender tão bem e melhor que o escritor o que foi escrito”¹⁷. Por essa ótica, a hermenêutica que começa com a compreensão dos textos sagrados e que perpassa um contexto teológico-bíblico, se redonda a um problema técnico-gramatical, pois se vê uma certa obrigatoriedade na compreensão textual, como se “pudéssemos voltar no túnel do tempo” e analisar o que o escritor quis efetivamente dizer com sua obra há 1000 ou 2000 anos atrás. Assim afirma Schleiermacher sobre o trabalho da interpretação:

[...] discute-se agora primeiramente a opinião habitual sobre a multiplicidade de significados, segundo a qual, seguidamente, o original resta por fim apenas como um motivo afastado. A não validade desta opinião se esclarece em primeiro lugar quando se combina ambas as doutrinas opostas de significado múltiplo de uma palavra e do significado quase idêntico de palavras inteiramente diferentes. Vê-se, por isso, que toda à formação da linguagem seria algo extremamente “deturpado”¹⁸.

Com esse texto, nota-se uma forte necessidade de estabelecer, segundo o pensador alemão, uma noção de que o exercício da interpretação é algo preciso, claro e inteligível para todos do mesmo modo, sem “deturpações”. Nesse sentido, entende-se que Schleiermacher¹⁹ ainda é herdeiro do pensamento exegeta que leva em consideração muito mais a literalidade e fidelidade aos escritos conforme os próprios autores produziram seus textos do que a maleabilidade interpretativa de leitores hermeneutas. É evidente que seu trabalho se inspira na necessidade de ampliar a exegese, mas como pioneiro do pensamento hermenêutico, suas raízes ainda estão calcadas na tradição e na imitação das ações de seus antecessores.

Wilhelm Dilthey, outro grande hermeneuta de origem alemã, por sua vez, oferece um viés mais preciso da interpretação. Em certa medida, ele aplica o modelo científico

¹⁶ Este item pertence à uma publicação de um dos autores que foi realizada na Revista Azusa, no ano de 2016 (SILVA, Igor de Benedetto e; BONIN, Joel Cezar. O papel da Hermenêutica no pensamento filosófico contemporâneo. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. 7, n.2, p. 193-210, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/153> Acesso em 04 Mar. 2023.

¹⁷ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999. p. 69.

¹⁸ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999. p. 71.

¹⁹ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

das ciências da natureza para as ciências humanas, mas distinguindo a medida dessa proximidade com a frase: “compreende-se o homem, explica-se a natureza”. O exercício da interpretação é um exercício de estabelecer regras universais de compreensão da realidade. É uma tentativa de aplicar as regras do método cartesiano ao universo da interpretação. Pode-se dizer assim que a interpretação visa algo mais radical: uma compreensão que seja cada mais próxima de um ideal positivista de “saber para prever a fim de prover”.

Porém, Dilthey, apesar de não defender o positivismo de forma asseverada, tinha uma grande oposição ao romantismo e ao idealismo de pensadores como Hegel e Kant. A intenção de Dilthey, outrossim, era a de tentar entender a História como a plena realização dos fatos narrados pela tradição, como o ápice da realização humana, como plena efetuação do espírito, mas sem olvidar o caráter psicológico da análise da vida humana. Para Dilthey, História e Psicologia são duas faces de uma mesma moeda.

Segundo Sônia Araújo:

A realidade empírica é, então, por meio da cultura, recolocada pela História e Dilthey, à sua maneira, leva às últimas conseqüências a concepção de história dos pensadores da Escola Histórica, principalmente a de Ranke: *a de dizer tão só como efetivamente tem ocorrido as coisas*. Porém, Dilthey propõe-se a avançar no processo historiográfico para além destes ao tentar examinar os motivos pelos quais os feitos culturais ocorrem; de procurar, por meio da Psicologia e da Antropologia, penetrar na alma humana e entender seus conflitos mais imediatos. Desta forma, Dilthey pensa elevar a História à consciência, pois defende que só ela (a consciência) nos adverte para a nossa relação com o mundo e fundamenta todo o conhecer²⁰ (grifo no original).

Nesse sentido, pode-se depreender que o modo de entendimento do mundo passa por uma análise histórica, que tenta agora separar o que pertence ao mundo da razão pura e aquilo que pertence ao mundo da razão prática. Dito de outro modo: as ciências naturais analisam o mundo pelo olhar técnico que, em última instância, visualizam a realidade como algo que precisa ser compreendido matematicamente; já, por outro lado, as ciências do espírito não podem reduzir a compreensão do mundo a fórmulas exatas. O mundo das ciências humanas é o mundo vivido. Segundo o próprio Dilthey, a vida

constitui o único, obscuro e espantável objeto de toda filosofia. Não o enigma do mundo, que constitui, mas que uma metade objetiva desse obscuro novelo de problemas, sina, mas bem, o rosto da vida mesma, com seus olhos que miram o mundo ou o contemplam

²⁰ ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Dilthey e a hermenêutica da vida. Crítica – **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, janeiro/junho 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1802/1682> Acesso em 01 Fev. 2023. p. 239.

serena ou imaginativamente, com sua boca sorridente ou que se contrai em um trejeito de dor: a esfinge do corpo animal e rosto humano²¹.

E nas palavras de Sônia Araújo:

A vivência é para Dilthey uma realidade direta, no sentido de que potencialmente lança bases à relação do homem com o mundo. Ela é a experiência no seu estado puro; a conexão entre o espírito e o tempo, portanto, realidade histórica; mundo exterior; saber estruturado pela compreensão da vida. Espírito e mundo encontram-se articulados na vivência expressada, portanto ela se põe como material privilegiado de descrição psicológica e de hermenêutica das manifestações da vida - fundamentos das ciências do espírito. Mas, alerta o autor, para alcançar esta estrutura é preciso dar conta dos nexos efetivos que das vivências emanam, isto é, uma teleologia, um sentido que decorre da própria vivência ao processar relações interhumanas e, dessa forma, revelar o mundo histórico²².

Com base nisso, temos uma introdução ao pensamento que será adotado com mais afinco no decorrer do século XX, por pensadores como Heidegger: a hermenêutica agora está fundada na própria vida, na própria *condição de ser* do ser humano. A escrita, a fala, o expressar de ideias é resultante de algo mais concreto. A dimensão ontológica assume um papel fulcral no modo de interpretação. A hermenêutica funda raízes na história, na temporalidade e, em uma palavra: no *Dasein*. O problema reconstrutivo da obra e o caráter metafísico do dito perdem o seu valor e agora brota um novo modo de se fazer hermenêutica crivada pelo momento da leitura da obra (contexto, *Weltanschauung* do leitor, etc).

A hermenêutica da vida, que podemos chamar a partir do pensamento diltheyano, compreende que nada pode ser pensado antes do contexto histórico no qual o leitor está vivendo, até porque após a produção do escritor, após o “ponto final” dado pelo escritor, o texto não lhe pertence mais. A autonomia da produção literária ou artística não está mais fundada na psicologia do autor, mas na capacidade interpretativa do leitor, que se justifica na pluralidade polissêmica dos modos de ver e compreender o texto.

Neste sentido, o pensamento de Edgar Morin sobre a complexidade se torna fundamental para analisar esse novo modo de compreensão dos textos inseridos em seus contextos, ou seja, Morin²³ nos oferta uma possibilidade de interpretação que extrapola a

²¹ ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Dilthey e a hermenêutica da vida. Crítica – **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, janeiro/junho 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1802/1682> Acesso em 01 Fev. 2023. p. 243.

²² ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Dilthey e a hermenêutica da vida. Crítica – **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, janeiro/junho 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1802/1682> Acesso em 01 Fev. 2023. p. 250.

²³ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

mera adequação do leitor aos textos contemporâneos. Ele nos mostra as possibilidades de uma nova chave de leitura do mundo, onde a ideia de complexidade parece abarcar com clareza uma nova interpretação do real.

2.1 A complexidade de Edgar Morin

O pensador francês Edgar Morin é considerado por muitos pesquisadores como o pai do pensamento complexo. Segundo Morin²⁴, a ideia de complexidade está implicada na noção da tessitura da realidade, sendo que para apreendê-la corretamente, é preciso distinguir o que complexidade e o que é completude. As duas coisas estão relacionadas e integradas, mas é preciso saber em que medida estão conectadas entre si.

A consciência da multidimensionalidade nos conduz à ideia de que toda visão unidimensional, toda visão especializada, parcelada é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões: daí a crença de que se pode identificar a complexidade com a completude. Num certo sentido eu diria que a aspiração à complexidade traz em si a aspiração à completude, já que se sabe que tudo é solidário e que tudo é multidimensional. Mas, num outro sentido, a consciência da complexidade nos faz compreender que jamais poderemos escapar da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: “a totalidade é a não-verdade”²⁵.

Neste diapasão, compreende-se que Morin defende uma visão totalmente diferente no que tange a compreensão da multiplicidade de olhares acerca do mundo. Se no pensamento cartesiano, as premissas estavam voltadas para a separação total dos saberes, marcados pela noção de que é preciso partir dos mais simples em direção aos mais difíceis; em Morin²⁶, a visão de completude e complexidade se entrelaçam no sentido de analisar a realidade por um viés interpretativo absolutamente novo. As coisas não estão separadas, os saberes não estão separados, as pessoas não estão separadas, as ciências não estão separadas. Ao contrário, tudo é multidimensional e entrópico, ou seja, a ideia de caos e de multifacetamento do conhecimento não é mais uma ameaça; é, antes de tudo, uma *conditio sine qua non* para sua existência.

Desse modo, revolucionariamente, Morin apresenta um novo paradigma de apreensão e interpretação da realidade: a complexidade. Em outras palavras, Morin propõe uma hermenêutica atualizada inovadora para o mundo que vivemos hoje. Para o autor

²⁴ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

²⁵ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005. p. 69.

²⁶ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

Acontece que o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento. [...] Por exemplo, se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões: assim como acabei de dizer, não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza²⁷.

Como se vê, o maior desafio proposto pelo autor francês, percorre a necessidade de captar e interpretar uma necessidade premente de nossos tempos, ou seja, se, de um lado, não é possível “completar” plenamente todos os elementos que compõem a vida humana e as suas relações; por outro, não se pode olvidar que é incompletude é um elemento fundamental no processo de produção e interpretação de nossa realidade. Esta ambivalência não é antagônica, mas constitui, antes de tudo, a própria razão de ser de nossa vida. Hermeneuticamente falando, pode-se que Morin foi capaz de estabelecer uma nova chave de leitura que ofereceu novas condições de apreensão do mundo. Assim, a aparente contradição não gera confusão, mas engendra uma nova tradução do real, que pode ser apresentada como instrumento de autotransformação de saberes e de constituição de novos saberes.

Assim, se da parte de Morin²⁸, temos a complexidade como viés hermenêutico do mundo, Nicolescu²⁹ nos mostra outro caminho possível, a saber, a via da transdisciplinaridade. Apesar de Nicolescu não ter sido o primeiro a falar sobre o tema, podemos considerar que ele é o maior porta-voz desta linha de interpretação do mundo. É o que vamos apresentar no tópico que segue.

2.2 A transdisciplinaridade de Nicolescu

A transdisciplinaridade, desde a sua concepção, permite ao estudante aproximar-se do mundo das disciplinas, de sua diversidade e unidade e o ajuda a compreender como se pode religar os saberes para a construção de um novo conhecimento. Por meio desta ordem

²⁷ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005. p. 176-177.

²⁸ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

²⁹ NICOLESCU, Basarab. **Quést-ce que la réalité?** Montreal: Liber. 2009.

de ideias, o conceito de realidade é uma parte operativa da didática da aula, pois ela deve ser incorporada aos processos de aprendizagem e de ensino dos estudantes. Assim, é necessário passar de um conceito de realidade herdado da física para uma realidade efetivamente educativa.

Não obstante, o terceiro incluído³⁰ pertencente ao mundo do não-linear é e deve ser pensado como um processo reflexivo na construção do conhecimento e na compreensão da realidade na qual vivemos. O certo é que o conceito de transdisciplinaridade nos permite ver que não é possível conceber um sujeito imerso na hiper-especialização, pois isso seria aceitar uma vida mínima e desprovida de sentido. A transdisciplinaridade, assim é como uma ferramenta que o educador e o educando devem utilizar para compreender a maneira pela qual o mundo é tecido, a própria natureza, o ser humano e a ciência.

2.3 A transcomplexidade de González

Assim posto, a transcomplexidade como pensamento ou teoria educativa articula-se entre a complexidade de Morin³¹ e a transdisciplinaridade de Nicolescu³², religando seus princípios para gerar uma proposta mais profunda e útil para o mundo da Educação, pois toma como base, a metacognição, a criatividade, a *aula mente social*, a religação e tudo aquilo que permite compreender o princípio e o fim do conhecimento dentro e fora da sala de aula.

Neste caso, a transcomplexidade, como González³³ nos aponta, é uma nova corrente educativa para o século XXI que transcende as bases da complexidade e da transdisciplinaridade, sendo que seus alicerces se calcam na desconstrução educativa como *aula mente social*, na metacomplexidade e nas emergentes reconexões educativas, incorporando novos elementos na investigação científica que acabam por romper esquemas simplistas e reducionistas tradicionais. Aliás, entra nesta nova proposta a emergência, a incerteza, a omni-objetividade e os processos transdisciplinares. Neste entendimento, em todo este processo de transcomplexidade, a religação dos saberes educativos é o processo mais importante de desconstrução, pois por meio dele, é possível estabelecer ideias que, por muito tempo, foram negligenciadas e esquecidas intencionalmente pelo modelo tradicional de ensino. A transcomplexidade apresenta a novidade de que os conteúdos e as formas de ensino não são estáticos ou cartesianamente envolvidos em padrões, mas que podem se moldar de acordo com as possibilidades de interação existentes entre educadores e

³⁰ NICOLESCU, Basarab. **Quést-ce que la réalité?** Montreal: Liber. 2009.

³¹ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

³² NICOLESCU, Basarab. **Quést-ce que la réalité?** Montreal: Liber. 2009.

³³ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

educandos; o que foge, por completo, aos modelos mega-especializados e hipertrofiados de saberes.

3. UM MUNDO TRANSCOMPLEXO PARA COMPREENDER A PÓS-MODERNIDADE

Como vimos, a realidade na qual estamos inseridos hoje difere demasiadamente da realidade de autores do final do século XIX. Schleiermacher³⁴ e Dilthey se estivessem vivos em nossa atualidade, certamente teriam que rever seus conceitos e formulações hermenêuticas. Se, atualmente, González³⁵ defende a simbiose entre transdisciplinaridade e complexidade, isso só pode ter uma razão e ela nos parece muito clara: a de que só podemos viver em um mundo pós-moderno se formos capazes de aceitar as condições estabelecidas pela transcomplexidade.

Outrossim, vale salientar o que se compreende por mundo pós-moderno. Em nossa análise, Miriam Aldeman esclarece que para se captar o *ZeitGeist* da modernidade, é necessário compreender as análises de inúmeros sociólogos sobre o referido tema. Em seu texto “Visões da Pós-Modernidade, discursos e perspectivas teóricas”, a autora pontua com grande clareza que o

[...] momento “pós-moderno” – significado como fase histórica do capitalismo tardio e seu “reflexo” no pensamento - também é representado como deterioração: deterioro de possibilidades críticas e contestatórias, triunfo final de uma sociedade capitalista, sem mais capacidade de manter uma oposição política e cultural autêntica³⁶.

Dos vários autores comentados e debatidos em seu texto, nos parece salutar destacar o ponto de vista de Aldeman, ao costurar sobre a interpretação de Bauman sobre a pós-modernidade. Apesar de sua denúncia sobre a liquidez do mundo pós-moderno, haveria espaço pela interpretação de Aldeman para a ambivalência, que resultaria em “uma perspectiva mais esperançosa [...]. Há então, na desestabilização pós-moderna dos padrões rígidos da vida social da modernidade, algo de salutar ou potencialmente emancipatório. Há a (nova) possibilidade de ‘conviver com a ambivalência’³⁷, pois é “[...] na sua pluralidade e

³⁴ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

³⁵ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III, 2013.

³⁶ ALDEMAN, Miriam. Visões da Pós-Modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217 Disponível em <https://www.scielo.br/j/soc/a/QwYJCdbXhf6gHFcQqvKtbTD/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 Mar. 2023. p. 187.

³⁷ ALDEMAN, Miriam. Visões da Pós-Modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217 Disponível em

não na ‘sobrevivência dos mais aptos (isto é, na extinção dos ‘menos aptos’) que reside agora a esperança”³⁸.

A referência ao trabalho de Aldeman nos leva a compreender de modo claro e evidente que o mundo da transcomplexidade é o mundo da ambivalência apontado por Bauman. Essa hermenêutica nos favorece a crer que conceitos como o de ambivalência podem nos ajudar a apreender de modo mais acertado a nossa contemporaneidade, pois a própria palavra está aqui mais aproximada de seu sentido na química: um átomo tem maior valência se ele tiver maior capacidade de combinação com outros átomos. Traduzindo em outras palavras, podemos dizer que a ambivalência significa aquilo que pode ser, ao mesmo tempo, duplicado de sentido: aquilo que penso e aquilo que o outro pensa está dotado de sentido e “ambos” têm valor; o que explica, por esse prisma, uma ideia de “capacidade de combinação e articulação”, algo tão necessário para uma hermenêutica mais clara e honesta diante dos acontecimentos e experiências de nossa vida contemporânea. Aliás, para confirmarmos um pouco o que foi afirmado neste último ponto, a noção de “complexo” também comporta a noção de “transdisciplinar”.

A ambivalência dos dois conceitos sintetiza de modo claro, a relação com o conhecimento que González³⁹ defende como transcomplexidade: ela não é nem complexidade e nem transdisciplinaridade, é o encontro dos dois conceitos, o que resulta em uma nova forma de interpretar o mundo, cifrada pela intercambialidade, pela incerteza e pela ambivalência.

Para citar um exemplo muito pontual: essa ideia também pode ser depreendida do texto de Hülse e Pasold⁴⁰ quando ambos demonstram o quanto a sustentabilidade pode ser um caminho de implementação de ideias transdisciplinares e complexas, pois segundo o texto, a forma como as cooperativas de Mondragon, na Espanha, fomentam e articulam seus projetos e trabalhos, vislumbra a possibilidade de compreender que a sustentabilidade como uma prática multifacetada, conquista mais sentido quando se coloca em evidência, a colaboração e a participação de todos os envolvidos. O olhar transcomplexo, assim, não é só uma mera conceituação, é resultado de uma articulação de interesses que, *a priori*, podem

<https://www.scielo.br/j/soc/a/QwYJCdbXhf6gHFcQqvKtbTD/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 Mar. 2023. p. 198.

³⁸ ALDEMAN, Miriam. Visões da Pós-Modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217 Disponível em <https://www.scielo.br/j/soc/a/QwYJCdbXhf6gHFcQqvKtbTD/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 Mar. 2023. p. 199.

³⁹ GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

⁴⁰ HÜLSE, L.; PASOLD, C. L. Corporação de Mondragon e a Sustentabilidade. **Revista Justiça do Direito**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 30-44, 2022. DOI: 10.5335/rjd.v36i1.12519. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/12519>. Acesso em: 19 mar. 2023.

soar dispersos, mas que, ao fim se mostram amalgamados. Assim, nos relatam os autores:

[...] a Corporação de Mondragon é um exemplo de sucesso na união de cooperativas. A Corporação foi criada em 1956, na cidade de Arrasate, Mondragon, Guipúscoa. Hoje a sua atuação se dá em toda a Espanha e está em processo de internacionalização. A Corporação é um coletivo de 120 cooperativas, sendo 87 cooperativas industriais, 1 de consumo, 4 agrícolas, 13 de pesquisa, 6 de consultoria cooperativa e 8 cooperativas de educação. Além das cooperativas, a Corporação conta com mais 144 empresas⁴¹.

Essa experiência mostra que a visão transcomplexa pode ser encontrada em muitas situações pois a sustentabilidade pode ser analisada como a junção de muitas perspectivas e olhares que coadunam por uma única finalidade: a emancipação das pessoas por meio de um processo de conversão do olhar sobre o mundo (o que implica em sustentabilidade, educação e transcomplexidade) no qual o bem comum ganha força e reconhecimento, pois

o Cooperativismo é um fomentador do desenvolvimento local que busca usar sustentavelmente os recursos locais, para atingir seus objetivos. Esses grupos funcionam de acordo com seus princípios, sendo socialmente responsáveis e assim fazem interlocução com as dimensões da Sustentabilidade⁴².

Em outras palavras, diante disso, o cooperativismo é uma possibilidade de resposta aos dilemas da pós-modernidade, pois é um modo concreto de articulação entre ambivalências, divergências e necessidades que são encontradas no mundo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as mudanças que o mundo sofre desde o final do século XX e que enfrenta no início deste novo século, é transcendental, principalmente se o relacionarmos com o agir humano, que consideramos estar sempre em mutação. O ser humano, em sua essência, ainda segue na busca de conhecer o mundo que o rodeia, interpretando a natureza, a realidade, o tempo social e a entropia decorrentes destes encontros/desencontros; porém sua consciência e sua maneira de viver ainda clamam por sentido existencial em virtude da própria condição humana.

Assim, nos parece que a natureza esconde vários segredos e, dentre eles, está o de saber como devemos colocar um rumo não apenas intuitivo à existência, como também

⁴¹ HÜLSE, L.; PASOLD, C. L. Corporação de Mondragon e a Sustentabilidade. **Revista Justiça do Direito**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 30-44, 2022. DOI: 10.5335/rjd.v36i1.12519. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/12519>. Acesso em: 19 mar. 2023. p. 38.

⁴² HÜLSE, L.; PASOLD, C. L. Corporação de Mondragon e a Sustentabilidade. **Revista Justiça do Direito**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 30-44, 2022. DOI: 10.5335/rjd.v36i1.12519. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/12519>. Acesso em: 19 mar. 2023. p. 33-34.

como deixar a existência nos indicar um caminho possível. Porém, cremos que este é um dos pontos mais cruéis sobre o conhecimento e que não queremos ver. E, justamente por isso, tentamos a todo custo, colocar o mundo debaixo de nossos pés, tomando a realidade como se fosse nossa refém, acreditando que nós, seres humanos, criamos o mundo, o que, na verdade, é o contrário.

Quando se trata de educação, este é um ponto muito importante, pois comumente fazemos os estudantes aprenderem sobre um mundo ideal e lhes ensinamos respostas precisas. Infelizmente, a escola sempre foi um laboratório de respostas da natureza quando, na verdade, ela deveria ser o seu contrário. A escola deveria ser o espaço das perguntas sobre o mundo; isto é, ela deveria assumir o papel de interpretar primeiro como se concebe o educar e como o mundo deve nos oferecer as respostas diante das perguntas.

Todavia, a essência do ser humano deve ser encontrada em uma educação que seja capaz de desnudar o mundo. Assim, em sala de aula, independentemente do que seja ensinado, nem tudo deve estar voltado para a consciência dos avanços científicos e tecnológicos pois, infelizmente, o ser humano tornou-se mais materialista do que espiritual, tornou-se um ser humano mais prosaico do que *poeticus* em função da tecnologia e da ciência.

Assim, ao fim deste texto, nos sobrevêm a seguinte indagação: o que o ser humano precisa para ser humano? Esta é uma questão que a transcomplexidade como teoria educativa tenta compreender a partir do mundo que nos circunscreve, porém nosso materialismo atropelador não nos deixa analisar com acurada atenção as dimensões mais sensíveis de nossa humanidade tais como a consciência, a espiritualidade, a psiquê, a essência não material do humano e tudo aquilo que não se vê. A trama da vida, por sua vez, ainda nos leva e nos impulsiona a descobrir e a descrever em sua mais íntima realidade o que é este mundo em crise; por isso, é urgente descobrirmos, dentro dos limites de nossas investigações, o rumo de nossa existência, não delegando mais para formas tecnológicas tal trabalho, pois o que parecia apenas ficção científica, é uma realidade dura e intangível.

Dessa maneira, a hermenêutica proveniente da transcomplexidade pode ser um apanágio diante das agruras, incongruências e incertezas que o mundo contemporâneo nos apresenta. Assim, esperamos que o pensamento transcomplexo possa ser uma luz no fim do túnel de nosso mundo pós-moderno, marcado não por zumbis ou unicórnios, mas por impermanências, volatilidades e precariedades.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

ALDEMAN, Miriam. Visões da Pós-Modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217 Disponível em

<https://www.scielo.br/j/soc/a/QwYJCdbXhf6gHFcQqvKtbTD/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 Mar. 2023

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Dilthey e a hermenêutica da vida. Crítica – **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, janeiro/junho 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1802/1682> Acesso em 01 Fev. 2023.

GONZÁLEZ, Juan. **Teoría Educativa Transcompleja**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo I. 2012.

GONZÁLEZ, Juan. **Aula Mente Social**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo III. 2013.

GONZÁLEZ, Juan. **Religaje Educativo**. Barranquilla: Universidad Simón Bolívar Tomo V. 2015.

HÜLSE, L.; PASOLD, C. L. Corporação de Mondragon e a Sustentabilidade. *Revista Justiça do Direito*, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 30-44, 2022. DOI: 10.5335/rjd.v36i1.12519. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/12519>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MAUTONE, Guilherme. O Trabalho sobre si Mesmo: reflexões sobre o legado de Wittgenstein para a filosofia da arte e a educação artística. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 3, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/106079> Acesso em: 5 mar. 2023.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **La Vía para el Futuro de la Humanidad**. Madrid: Paidós. 2011.

NICOLESCU, Basarab. **Quést-ce que la réalité?** Montreal: Liber. 2009.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação**. Trad. de Celso Reni Braide. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

SILVA, Igor de Benedetto e; BONIN, Joel Cezar. O papel da Hermenêutica no pensamento filosófico contemporâneo. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. 7, n.2, p. 193-210, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/153> Acesso em 04 Mar. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo, Edusp: 1993.

INFORMAÇÕES DO AUTOR

Levi Hulse

Doutor e Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI - SC. Bacharel em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2010) e graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006). Advogado com a OAB/SC 31.986. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional (Mestrado e Doutorado) e Professor no Programa em Educação Básica (Mestrado e Doutorado) da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Editor da Revista Ponto de Vista Jurídico – UNIARP. E-mail: levi@uniarp.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-9974-6325>. O autor agradece ao Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina através do edital 054/2022, pelo apoio financeiro.

Joel Cezar Bonin

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2020). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2008) e graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997). Professor no Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade (PPGDS), na linha de pesquisa "Sociedade, Cidadania e Segurança", e no Mestrado Profissional em Educação Básica, na linha de pesquisa "Políticas Públicas e Gestão da Educação", ambos da da UNIARP.

Juan Miguel Gonzalez Velasco

Doctor en Educación. Profesor de la Universidad Mayor de San Andrés – UMSA, La Paz, Bolívia. Actualmente es docente titular y coordinador del Centro de seguimiento y Gestión de la Calidad de la Universidad Mayor de San Andrés; Profesor, investigador y conferencista internacional en temas educativos; Preside la Cátedra de Complejidad y Transdisciplinariedad Educativa para 87 países y es miembro del Comité Académico Internacional del instituto Peruano del Pensamiento Complejo 'Édgar Morín', entre otros. También es docente e investigador asociado a nivel doctoral y postdoctoral de Unisimón.

COMO CITAR

BONIN, Joel Cezar; HULSE, Levi; VELASCO, Juan Miguel Gonzalez. Ampliação das liberdades individuais por meio de políticas públicas para pessoas com deficiência: caminhos para o desenvolvimento. **Novos Estudos Jurídicos**, Itajaí (SC), v. 29, n. 1, p. 77-99, 2024. DOI: 10.14210/nej.v29n1.p77-99.

Recebido em: 18 de mai. de 2023

Aprovado em: 14 de fev. de 2024